

A PARVONIA

Metralhar a Parvonia a cascas de pepino.
Esfaquear Prudhome, e apunhalar Calino...

G. Junqueiro.

ARTE

FOLHA AVULSA

CRITICA

PELA VERDADE . . .

Era a legenda que podia ser inscripta no cabeçalho de este papel, porque em prol da verdade luctamos.

Se, até aqui, elle tem vindo só aggressivo, só hervado de ditos irritantes, é que os dois rapazes, que lhe traçavam as prozas, não tinham achado ainda, em seu caminho, um d'aquelles homens deante dos quaes os bons se curvam sinceros e reverentes.

Hoje, decorridos dois mezes sobre a morte do dr. F. Martins Sarmiento, depômos um momento a penna que traça verrinas e deante do sabio, cujo cerebro se paralisou, descobrimo-nos humildes, comprehendendo bem que a verdadeira nobreza não é a que se herda de avós sanguinarios ou se conquista num campo de batalha, assassinando irmãos, mas a que se adquire buscando como elle a Verdade.

Que seja permittido á hilaridade da folha este parenthesis triste.

Ninguem extranhe que nós, tendo passado a rir da humani-

dade vã, como Democrito, paremos um pouco para deixar cahir, entre dois sarcasmos arre-messados á turba dos cretinos, uma palavra de respeito sobre a pedra de um sepulchro.

O Dyabo.

Maniaco

No berço da monarchia, cuja porcaria ficou proverbial, fermentam muitas outras poçridões, que não as do proverbio, a luz benéfica do sol e á meia luz do escaço petroleo camarario.

Todos tem presenteado e não sei que alguém tenha já protestado contra uma patifaria, que ha muito medra e promette eternisar-se, porque nella fraternisa a multidão anonyma com a gente que se alcandora na elevada posição dos homens respeitaveis.

Ainda por ali um sachristão ou coisa assim, um maluco desbo-cado o qual, umas vezes atira de um extremo ao outro das ruas phrasés e gestos taes que, se não molestam as caras abroqueladas dos apontados, ferem em cheio aquillo do capitulo 1.º e artigo 1.º do código de posturas, e outras arregimenta pedras sobre a varanda da Basilica de S. Pedro e de lá as despede irado, com furias atavicas, que fazem pensar nos velhos luzitanos arremegando penedos, do alto das citanias, contra as hostes terri-veis do Romano.

A culpa em quem menos cabe, verdade seja, é nesse Francisco que por nada do mundo quer ser Antonio; pertence aos que se apro-

veitam da lesão cerebral do pobre homem para o insultarem sem decôro, dizendo-se homens sérios, e sem caridade, afirmando-se catho-licos.

Esses, para acabar de enlouque-cer o misero sachristão, fabricaram algures um hymno com musica rou-bada e letra que faria corar Valerio Martial o dos Epigrammata. Essa musica assoprada nos metaes da banda regimental delicia os castos ouvidos das damas, que (quero crel-o) ignoram as porcarias por ella trazidas á memoria de muitos e o tormento em que põe o pobre que é velho e sobre isso maluco.

Acaba-se isto pedindo o hospital para o doído, e para os outros o desprezo, ou melhor a piedade que se consagra aos irresponsaveis.

O Dyabo.

SECÇÃO DOS VELHOS

Em nosso ultimo numero, sobre o qual vão passados nove mezes, tempo necessario á gestação d'este, promettemos a «Secção dos velhos», numas phrases que quizemos tornar preñhes de—*humour*—e que apenas sahiram cheias de gralhas.

Para começar damos um soneto de Anthero de Quental que se não acha nos—Sonetos completos—ou na collecção posthuma dos—Raios de extincta luz—.

Não é preciso dizer-te quem foi Anthero, erudito leitor, que conhece Baudelaire e Verlaine, a quem vagamente, como em sonho acodem ao cerebro os nomes de Spencer—o sabio e Tolstoi—o maluco, numa triste mistura.

Mas sempre é bom avisar-te, de que elle foi um vesanico e tinha costumes porcos de collegial de quinze annos, que o diz o sapien-

tissimo Theophilo, esse homensinho que vive em Lisboa rilhado de gloria e de inveja.

O Dyabo.

FLORES

Quem és tu, flôr de petalas coradas,
Como virgem que ardesse n'um desejo?
Quem foi que te lançou a côr do pejo
N'esse seio de folhas purpuradas?

Não as tens já tão puras, nacaradas,
Como essa tua irmã, que eu alem vejo
Tão seria, que nem sente o leve beijo,
Que lhe furtam as auras perfumadas...

Porque? Ah! quem sois vós, flôres mimosas?
Que nomes vos poz Deus, ó minhas flôres?
Dil-o um livro de phrases sonoras?

Talvez—Dar-vos-hão nome os sabedores...
Eu só sei que sois filhas extremosas,
As filhas do Senhor e seus amores!

Anthero de Quental.

O Castello

Olhando para ti, castello envelhecido
Que atiras para o ar as torres esfumadas,
Fico-me a recordar aquelle tempo ido
Em que havia batalhas, cercos e cruzadas...

Tu evocas em mim tristes recordações
Do que, por vezes, li no velho nob'liar'io.
Antigo exemplar de antigas construcções
Causas-me todo o horror de um tempo legendario.

Em teus muros Alfonso, um rei, um salteador
Sonhou talvez empresas doidas, arriscadas.
Seu corpo medieval pedia guerra e amor;
Os rausos pela noite, os cercos e as tomadas.

Não me causa saudade o velho tempo ido,
Antes me causa odio e causa repulsão,
Se lembro o velho Gama heroico e destemido.
Lembro D. João terceiro e lembro a Inquisição.

Se recordo D. Pedro, o qu'rido, o bom regente
Recordo tambem, logo o Duque de Bragança.
Sempre ao lado de um anjo surge um repelente
A assassinar o bem, e aniquilar a esperança.

Não voltes, Portugal, ao tempo heroico e antigo
Não volvas os teus olhos tristes ao passado
Confia no futuro e deixa no jazigo
Dormirem os heroes, ó Portugal amado!

Foi o ouro roubado que nos deu a morte,
Veneno que infectou as veias dos avós.
Antes Vasco da Gama o capitão tão forte
Tivesse naufragado, era melhor p'ra nós!

Fazes-me assim pensar, velhissimo castello,
Por uma doentia associação de ideias.
Entretanto no alto o teu perfil singelo
Recorta no ceu puro a linha das ameias...

E eu porque odeio a guerra, os cercos, as batalhas,
Desejo, ao contemplar teus negros torreões,
Ver o solo fender-se em doidas convulsões
Para abysmar em si as torres e as muralhas.

O Dyabo.

Os Jesuitas

Para que serviu o Breve de Clemente XIV, dissolvendo essa raça de bandidos, se mais tarde Pio IX a havia de reunir e de lhe fazer a apothese no concilio œcumenico de 1869? Percebe-se. Clemente XIV destruiu-a, cedendo à imposição de Portugal, França, Hespanha e duas Sicílias; Pio IX restaurou-a, julgando que estava varrido do homem o negro cadastro de crimes que essa terrivel phalange commettêra por todo o orbe. E elles resurgem de novo, lançam as raizes em todos os cantos do mundo, aprofundam-nas, auxiliados pela apathia dos grandes e pela facilidade com que o povo imbecil se deixa arrastar pelas suas predicas.

E' preciso energia para os repellir.

Quem não conhece o perigo onde está o jesuita? Quem não sabe que esta multidão de corvos que por aqui esvoaça, obedece a um chefe? «E se este chefe despota fosse, por acaso, um homem violento, vingativo e ambicioso e que na multidão dos que elle commanda se encontrasse um só fanatico, onde está o príncipe, onde está o particular que estivesse em segurança sobre o seu throno ou no seu lar? Se este chefe fosse por acaso um homem vendido a qualquer potencia estrangeira se estivesse facilmente disposto, por character ou arrastado por interesse, a misturar-se nas coisas politicas que mal poderiam fazer os jesuitas?» Quem ignora por ahí quaes foram as causas da expulsão da Companhia, de Anvers, em 1578, da cidade e estado de Veneza em 1606, da Bohemia em 1618 e da Moravia em 1619? E quem nos diz que não poderá succeder hoje, em Portugal, o que succedera nos outros estados? Certamente já estaes esquecidos de Gonzalês Silveria suppliciado no Monomotapa e da infame conspiração tramada por Malagrida, Mathos e Alexandre. Deixae, deixae-os fecundar. Deixae que elles arrebatem ás mães desorientadas que fecham os olhos aos infames attentados em Lille, as creanças puras e innocentes que vão fermentar no antro jesuitico e onde lhe aniquillam os sentimentos d'amor aos paes brandando-lhe de continuo: Quem ama o pae ou mãe mais que o Christo, não é digno de ser possuido por esse mesmo Christo. Deixae livres os hypocritas que debaixo da maior

humildade escondem o maior orgulho.

Jesuitas!... «E afinal o que é o jesuita? E' um padre secular? E' um padre regular? E' um leigo? E' um religioso? E' um homem de comunidade? E' um monge? E' alguma coisa de tudo isto, mas não é isto.» O jesuita não é nada d'isto, não; constitue sómente uma seita de impios, fanaticos e regicidas como passo a mostrar, trasladando o resumo chronologico da historia dos jesuitas, que apresentou o decreto do Parlamento de Paris de 6 d'agosto de 1762, inserido no artigo «Jesuites» da Encyclopedia, dirigida por d'Alembert e Diderot e em seguida ao qual foram expulsos os jesuitas de França.

Em 1547 Bobadilla, um dos companheiros de Ignacio, é expulso da Allemanha por escrever contra o *Interim* d'Ausbourg.

1581. Campian, Skerwin e Brian são condemnados à morte por terem conspirado contra Isabel d'Inglaterra. No curso do reinado d'esta grande rainha, hoave cinco conspirações tramadas pelos jesuitas contra a sua vida.

1588. Vemol-os animar a liga formada em França contra Henrique III. No mesmo anno Molina publica umas loucuras prejudiciaes sobre a concordia da graça e do livre arbitrio.

1593. Barrière é incitado pelo jesuita Varade a apunhalar o melhor dos reis.

1594. Os jesuitas são expulsos de França como cúmplices do parricidio de Jean Chatel.

1598. Corrompem um scelerado, administrando-lhe n'uma das mãos o seu Deus e na outra entregando-lhe um punhal para ir assassinar Mauricio de Nassau.

1604. A clemencia do cardeal Frederico Burromeu os expulsa do collegio de Braida por crimes que os deveriam conduzir à fogueira.

1610. Ravailac assassina Henrique IV. Suspeitam que foram os jesuitas quem lhe dirigiu a mão.

1631. Seus tramas sublevaram o Japão e a terra é regada, em toda a extensão do imperio, com sangue idolatra e christão.

1643. Malta, indignada com a sua depravação e cobiça, expulsa-os.

1646. Fazem em Sevilla uma bancarrota que precipita na miseria varias familias.

1713. O jesuita Jouvency, n'uma historia da sociedade, ousa instalar, entre os martyres, os assassinos dos reis: os magistrados mandam queimar a obra.

1723. Pedro, o Grande, não en-

tados senão com a expulsão dos jesuitas.

1730. O escandaloso Tournemine prega, n'um templo, em Caen, deante d'um auditorio christão, que é incerto, que o Evangelho seja uma Escriptura Santa.

1745. Pichon prostitue os sacramentos da Penitencia e da Eucharistia e abandona o pão do santo a todos os cães que o pediam.

1757. Um attentado é commettido contra Luiz XV por um homem que viveu no meio dos jesuitas e que estes homens protegiam.

1758. O attentado, promovido pelos jesuitas, contra D. José I de Portugal.

1759. Toda esta tropa de assassinos é expulsa de Portugal.

1761. Um d'esta companhia, depois de se ter apoderado do commercio da Martinica ameaça d'uma ruina total os seus correspondentes.

Bellas obras! Grandioso exemplo! Corja de infames que exploram o Christo para realisarem o seu ideal, o dominio do universo pelo meio da religião. Caminhae, caminhae que talvez vos ajudem o temor ou desleixo do governo e a beatice de uma rainha.

O diabinho.

GAUTAMA

N'uma visão amarga e seductora apparecêra ao bom Principe Gautama nos enleios da esposa encantadora a figura adoravel do Nirvana!

Levantára-se o Principe nervoso amortalhára no seio o coração e volvendo ao filho o olhar ancião sumiu-se ... na incerteza da Illusão.

Quando volton, já não os conhecia, transformára-se a carne em pedra fria solvêra-se ao calor do Pensamento.

E concentrado, extatico, risonho dissera-lhes ... partindo num tormento, que era possivel o seu Grande Sonho!

Francisco da S. Monteiro.

PREMIOS

O correspondente particular do «Jornal de Noticias», sagazmente adivinhou que «A Parvonia», ia acordar de um somno prolongado.

Não o mandamos para onde é costume enviar os que adivinham; muito ao contrario offerecemos-lhe, se conseguir adivi-

nhar quando apparece o numero seguinte, a edição *princeps* dos «*Devaneios de um mancebo*», por um obscuro vimaranense, obri-nha muito util a quem necessite de consultar a vocação e saber se deve ser padre.

Tambem, á semelhança do conselheiro Quintella, que offerece um conto de reis a quem achar mercurio no depurativo de seu fabrico, offerecemos nós, os redactores de «A Parvonia»,—este depurativo do grande organismo chamado Guimarães—, a quem conseguir encontrar n'ella o azogue, um exemplar da «Arte de jogo de pau», do sr. Joaquim Antonio Ferreira, nosso patricio.

Isto são tudoervas inoffensivas; podem ruminar os gracejos alguns que nós sabemos; e se houver indigestão, azevre em bebida e cataplasmas sobre o estomago que é o ordenado pelo Manual do Raspail.

Satan.

CARTA

AO POVO DE GUIMARÃES

Companheiros:

Sou do povo, permitti que vos chame assim, que a tal tenho direito.

As folhas deram a tetrica noticia de a peste habitar a nossa boa terra.

Ao lél-a turvaram-se-me os olhos e, por um curioso phenomeno de sugestão, já me parecia sentir engurgitamentos ganglionares em sitios exquisitos.

Como veio ella? As mesmas folhas o dizem. De comboyo, indolente e commodista, como passageiro que paga o bilhete e não tem aspecto suspeito.

Sim, foi de comboyo que chegou, foi na estação de Villa-flôr que o bacillo de Kitasato se apeou, para vir habitar quasi no centro de Guimarães.

Hoje repousa ainda socegado; amanhã, talvez, dilatando as

B. S.

13-4-59



1.º Anno

Numero 1

A PEROLA



REVISTA QUINZENAL LITTERARIA

Dedicada ás  damas vimaranenses

Redacção e Administração Rua do Conde D. Henrique, GUIMARÃES

Redactores: **A. S. Carvalho**
E. Guimarães
Redactor e Administrador,
Delphim G. S. G.

OFFICINA DE IMPRESSÃO
MINERVA, TYPOGRAPHIA GUISE
Guimarães

18 de DEZEMBRO de 1904

Preço da assignatura: anno 500 reis
Numero avulso 20 reis
Editor, **Gabriel Pereira de Mesquita**



A PEROLA

ás gentis vimaranenses.



Senhoras !

A PEROLA, o pequenino jornal que hoje vimos respeitosos depor nas vossas formosas mãos, não é, apesar do seu sub-titulo de revista litteraria, um bouquet tecido com as flores mais viçozas da nossa litteratura moderna, mas sim o fructo innocente das lucubrações e devaneios poeticos e artisticos de um grupo de rapazes que, sem aspirarem aos nomes pomposos de poetas ou de litteratos dedicam os seus momentos d'ocio ao cultivo da arte divina de escrever.

Não encerra pois a nossa modesta revista essas notas encantadoras de mimo, plenas de arte que vós desejaríeis, e com certeza merecíeis, mas supre essa falta a vossa adoravel bondade, a vossa encantadora benevolencia que vos leva a acolher bem o nosso pequeno jornal.

Esperando que, estudando e dedicando-nos, um dia virá em que mais ousadamente poderemos apparecer-vos e dedicar-vos as nossas produções, os nossos cantares, as descripções dos nossos sonhos alegres de jovens e a efflorescência dos nossos corações redentes de amor e de vida.

Mas até lá seremos apenas obscuros trovadores anonymos, não offerecendo cantares nem expandindo sonhos, mas pedindo indulgencia.

Depomos pois hoje nas vossas mãos de princezas o nosso primeiro n.º pedindo á vossa gentileza a graça do perdão para a mesquinhez da offerta apenas desculpavel e pela franqueza e sinceridade com que nos apresentamos.

A Redacção

LAGRIMA de NOIVA



Alba, a boa fada protectora das noivas. Alba que mora na pupilla azul das virgens sem peccado, passando uma manhã junto de uma camelia, ouviu o seu nome pronunciado por trez gottas tremulas.

Approximou-se, e pousando no coração da flor, perguntou risonha:

- Que quereis de mim, gottas brilhantes?
- Que venhas decidir uma questão, disse a primeira.
- Propõe n'a.
- Somos tres gottas differentes, oriundas de diversos pontos; queremos que nos digas qual de nós vale mais, qual é a mais pura.
- Acceito.
- Fallá tu, gotta brilhante.
- E a primeira gotta, tremula fallou.
- Eu venho das nuvens altas...sou filha dos grandes mares. Nasci no largo oceano antigo e forte. Depois de visitar praias e praias, de-

fauces de Moloch começará de tragar as gentes indefensas.

Serão do povo, da massa dos que trabalham, as primeiras vítimas e então é meu dever aconselhar-vos, fornecer-vos armas para a lucta.

Azafamadas, as auctoridades, põe em pratica medidas hygienicas.

Expulsam-se os suínos; mas ficam na cidade homens mais sujeitos do que elles. Prohibem-se os enxurdeiros, onde os porcos habitam; mas ficam moradas humanas bem mais infectas.

Guimarães é um monturo. E' o "mal lavado berço do primeiro rei," disse-o Camillo. Os esforços louvaveis e sympathicos da auctoridade não podem impedir que a doença entre e reine.

Uma só medida havia. Era a emigração da população para logar mais sadio, para casas limpas e arejadas.

Como o dr. Gomes da Silva disse em Lisboa, que era necessaria tambem uma boa alimentação, só no futuro quando os fructos da terra se repartirem egualmente, quando todos podem respirar o ar puro e a maioria não fór obrigada a trabalhar 12 horas e mais, enquanto os outros se divertem, se poderá não só levantar uma barreira ás doenças contagiosas, mas exterminar-as até.

E já que, se eu vos aconselhasse a viver em boas casas e a comer razoavelmente, vós me julgariéis doido, e o mesmo pensariéis se apenas vos recomendassem grandes abluções com agua do chafariz do Carmo, ou do tanque de *Mata-diabos* rebuscando na minha memoria, que é um vasto armazem, onde se albergam coisas incriveis, de lá extrahi estes sabios conhecimentos para vosso uso.

Aggravata est autem manus domini super Azotios, et demolitus est eos: et percussit in secretiori parte natium Azotum, et fines ejus. Et ebullierunt villae et agri in medio regiones illius, et nati sunt mures,

et facta est confusio mortis maguae in civitate.

"A mão do senhor porem cahiu sobre os de Azoto e os reduziu á ultima miseria. E feriu os da cidade e seu termo, com um mal na parte mais secreta do corpo. E ferveram as aldeias e os campos, no meio d'aquella vasta região, em ratos que appareceram: e a cidade se viu consternada pela grande mortandade."

Falla este texto biblico da peste que assaltou os philistens e os lançou em grande confusão, por terem roubado a Arca do Senhor.

Sabeis, companheiros, o meio efficaz que os adivinhos e sacerdotes receitaram ao povo para tirar de sobre elle a mão do Deus de Israel?

Lêde o cap. VI do 1.º livro dos Reis.

5... quinque annos aureos facietis, et quinque mures aureos... Facietisque similitudines anorum vestrorum, et similitudines murium qui demoliti sunt terram.

Estes exquisitos presentes foram collocados na arca da aliança.

Se pois achaes, que os nossos grandes crimes nos teem conquistado a colera divina, ao ponto de por Deus sermos equiparados aos philistens, offertae aos templos do Senhor as cinco imagens dos ratos juntamente com as outras cinco do sitio exquisito onde recebem agoites as creanças. Offertae-as de barro, já que o dinheiro vos mingúa para serem de ouro. Levae-as em procissão e podeis entoar a ladainha dos Santos e o Salmo 19:

*Exudat te dominus in die tribulationis: * protegat te nomen Dei Jacob, etc.,* que são as preces que a Igreja preconisa — *in quacumque tribulatione.*

Tambem me lembrou aconselhar-vos a que entrasseis na casa da Sociedade M. Sarmiento (não do modo por que alguém lá entrou uma vez e tentou entrar segunda, mas á luz do dia, pela porta) e pedisseis o andor da es-

quecida procissão das marafoninas, instituida por occasião de uma peste.

Decerto vol-o não negam. E com elle aos hombros percorrei a cidade, que affastareis a doença.

Mas se o bacillo fór rebelde a predicas e rezas, se elle se não apiedar de vós, vendo-vos cobrir a cabeça com a cinza da penitencia, como os Ninivitas no tempo de Jonas, então tremei, que nem vós, nem vossos filhos, nem vossa mulher, nem o vosso gato resistirão ao flagello, porque está caro o chloreto e ainda mais caro o phenol.

Todo vosso

O Demónio.

Desde ha muito tempo que os habitantes d'esta terra patriota percorriam, avidos, as columnas d'um periodico, buscando, nas correspondencias particulares, noticias d'esses individuos que, com os seus *globulos sanguineos*, iam lançando, por entre a turba ignorante, a admiração e o respeito.

Até que enfim souo aos ouvidos d'este bom povo o clamor estridente da tuba sonora da Fama. Para os lados do poente, n'uma estação balnear, frequentada pela *grande elite*, surgiu o espectro da Gloria, arrebatando n'um de seus braços, um figurino de toureiro que levava na cabeça os louros da apothese, um cabo de cebolas, e no peito a *commenda da Ovação*, um rosario de batatas.

Parabens ao illustre cavalleiro do touro... do Circo Equestre....

Consta que o Alpuheredo Pygmenta abandonará o campo da poesia e se retirará para os seus aposentos, após as traducções de Baudelaire e Campoamor e a publicação d'um seu livro intitulado «Mortes Repentinhas» que em breve será vomitado no prelo.....

Dou uma regueifa de Famação e um cantaro d'agua do chafariz do Carmo a quem me disser a razão por que o Alpuheredo Pygmenta foi durante alguns dias rezar no cemiterio da Athouguia.

O Mafarrico.